

## **ESCOLHAS E HERANÇAS**

É fato que circunstâncias diversas envolvendo o fazer teatro ditam a sua existência e, a depender da força e dos valores que as regem, tais circunstâncias incidem tanto na transformação do presente quanto no legado desse teatro.

Ao que parece, quando utilizada como instrumento de catequese, a atividade teatral faz valer o termo teatro didático e dá a perceber a potência que tal iniciativa pode ter para o alcance de propósitos previamente determinados. Neste sentido, é o que notaram os jesuítas que aportaram no Brasil durante o século XVI, conforme demonstra a seção específica sobre o assunto nesta edição.

Numa circunstância bem distinta – embora também vinculado a questões subjetivas ou mesmo espirituais –, o terceiro teatro proposto por Eugenio Barba denota uma herança que se pode deixar a si mesmo. E o futuro, carregado dessa herança, se faz presente na atividade de artistas que seguem criando décadas depois, o que enaltece o trabalho continuado perpetrado em comunidades ou em coletivos teatrais historicamente estabelecidos.

A primeira seção traz um dossiê intitulado O Teatro Jesuítico em Cena, cujos proponentes e organizadores são os estudiosos Giovani José da Silva e Paulo Romualdo Hernandez. O conjunto de textos reúne dados históricos do teatro jesuíta, além de registros e reflexões sobre a criação cênica e as atividades teatrais desenvolvidas no Brasil pelo padre José de Anchieta (1534-1597). Giovani José da Silva, vinculado à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), é autor do texto inicial da seção, trazendo dados circunstanciais estabelecidos num período de

interação entre duas crenças que parecem compor a gênese de uma cultura híbrida em nosso país.

Educação, arte e religião guiam a reflexão de Vanessa Campos Mariano Ruckstadter, Flávio Massami Martins Ruckstadter e Vinícius Furlan, sendo os dois primeiros vinculados à Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Tais autores fazem pensar sobre o uso do teatro como instrumento pedagógico para catequizar os indígenas em consonância com o projeto colonizador português. Num coincidente complemento a tal reflexão, Paulo Romualdo Hernandez (Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL) e Lara Eliani Marques Bifarone da Motta (Universidade Federal de São Carlos - UFSCar) identificam a obra de Anchieta num contexto socioideológico em que o bem e o mal se perfazem no perfil das personagens. Por sua vez, os pesquisadores Fábio Eduardo Cressoni e Maycom Cleber Araújo Sousa, ambos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), tendo por referência os estudos de François Hartog (1999) analisam o processo de conversão de povos indígenas pelo uso do *Auto da Festa de São Lourenço*, escrito por José de Anchieta em 1583.

Mirella Saulini (Archivio Storico della Pontificia Università Gregoriana) nos apresenta a obra de Bernardino Stefonio (1562-1620), um destacado nome do teatro jesuíta e, com isto, faz notar a presença e uso de tal linguagem no âmbito eclesiástico daquele período. Assim, será possível entender as atividades de Anchieta no Brasil como extensão de uma prática apropriada pela igreja católica.

Ainda como parte do dossiê, optou-se pela inclusão de um texto de Claude-Henri Frèches (1914-2006), publicado originalmente em francês numa edição italiana de 1961: *Annali del Dipartimento di Studi Letterari, Linguistici e Comparati, Università degli studi di Napoli "L'Orientale"*. Especialista em língua, literatura e civilização luso-brasileiras, Frèches analisa algumas obras cênicas atribuídas a José de Anchieta, em que as

personagens se expressam em português, espanhol, latim e tupi. Por fim, a seção tem complemento na resenha apresentada ao final desta edição: Luciana Gonçalves Barboza (Escola Superior de Artes Célia Helena) destaca um livro sobre Anchieta, cuja autoria é de Giovani José da Silva.

Mestres do Século é uma seção que regularmente trata de artistas tidos como referência mundial nas artes cênicas durante o século XX ou nos últimos cem anos. Nesta edição, ela foi organizada por Ricardo Gomes (Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP), sendo dedicada a Eugenio Barba, diretor do Odin Teatret, da Dinamarca. De origem italiana, Barba traz na interculturalidade a marca maior de seu trabalho cênico, sendo o criador da antropologia teatral, que estuda técnicas de atuação a partir da inter-relação de estilos de interpretação teatral advindos de várias partes do mundo, o que resultou no surgimento da International School of Theatre Anthropology (ISTA). A seção tem início justamente com a transcrição de uma conferência proferida virtualmente por Eugenio Barba num evento realizado em sua homenagem pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFOP, em 2021. Nesta fala, ele reflete não somente sobre seus procedimentos, mas também sobre sua trajetória e intercâmbio com grupos do teatro latino-americano.

Em seguida, a partir da perspectiva política e do trabalho sobre si, Franco Ruffini (Università degli Studi Roma Tre) aborda a questão da identidade do ator, trazendo uma analogia entre as propostas de Jerzy Grotowski e Eugenio Barba, fazendo notar o percurso paralelo e o desvencilhar de caminhos de ambos no decorrer do tempo. Já Marco De Marinis, da Università di Bologna, trata do chamado terceiro teatro, termo usado por Barba num manifesto escrito em 1976. Nesta sua reflexão, De Marinis aborda conceitos que se articulam com esse termo, dando a ver que as necessárias escolhas expressivas e opções estéticas denotam sua incidência no campo da ético.

Na sequência, André Carreira (Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC) reflete sobre a relação de Eugenio Barba com a cena brasileira. Suas inúmeras visitas ao país nas décadas de 1980 e 1990, em companhia do Odin Teatret e outros grupos relacionados ao terceiro teatro, inegavelmente influenciaram a experimentação teatral e o movimento de grupos do Brasil. No artigo seguinte, Leonardo Mancini (Università degli Studi di Torino) propõe-se o que antecede e acompanha a formulação da Antropologia Teatral, então uma disciplina nova, plural e intercultural. O autor examina múltiplas fontes de pesquisa científica e cultural a partir do estudo de materiais preservados no Odin Teatret Archives. Finalizando a seção, Tatiana Mendes Horevicht, Juliana Capilé Rivera e Maria Thereza de Oliveira Azevedo, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), analisam ensaios realizados pelo Odin Teatret na preparação do último espetáculo criado em sua histórica sede localizada em Holstebro, na Dinamarca. As autoras expõem os procedimentos observados durante o processo, apontando para um possível uso de dramaturgia da imagem na composição das cenas. Encerrando a seção, pesquisadores versam sobre a implicação dos conceitos de Antropologia Teatral e Teatro Eurasiano na identidade artística e profissional do ator e da atriz no Brasil. Trata-se de Ricardo Gomes (Universidade Federal de Ouro Preto) e Priscilla Duarte, ambos integrantes do Teatro Diadokai.

Processos de Criação é o título da seção que finaliza esta edição, reunindo artigos que abordam a composição de trabalhos cênicos no âmbito corporal e também literário. Flávia Pagliusi e Larissa Sato Turtelli, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), refletem sobre elementos que compõem o Reisado a partir de manifestações que se dão na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará. A análise se dá com base na movimentação, vestimenta e cantos, assim como nos personagens ali representados. Em seguida, o ritmo na dança é matéria da reflexão proposta por Flavia Pilla do Valle e Luciana Paludo, da Universidade

Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O movimento do corpo protagoniza o olhar, fazendo ver sua relação com o ritmo musical e a composição coreográfica, redimensionados na criação de um espetáculo cênico. Denise Rocha, que cumpre pós-doutorado em Língua e Literatura alemã na Universidade de São Paulo (USP), fecha a seção analisando uma peça teatral de Bertolt Brecht. O artigo reflete sobre os propósitos que podem ter levado esse autor a escrever uma história dramática que se passa durante a guerra civil espanhola: um deles parece ser conscientizar sobre os riscos da neutralidade num embate entre o envolvimento coletivo e a ameaça de uma ditadura.

*José Tonezzi*  
*Editor*